ACERCA DOS PSICÓLOGOS-EDUCADORES NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: MANOEL BOMFIM, MAURÍCIO CAMPOS DE MEDEIROS, PLÍNIO OLINTO E LOURENÇO FILHO*

Antônio Gomes Penna**

1. Apresentação; 2. Sobre o Pedagogium e sobre a Escola Normal e Instituto de Educação; 3. A obra de Manoel Bomfim; 4. A contribuição de Maurício Campos de Medeiros (1885-1966); 5. A contribuição de Plínio Olinto (1886-1956); 6. A contribuição de Lourenço Filho (1897-1970).

1. Apresentação

O presente texto está dedicado a uma análise da contribuição produzida por quatro das mais significativas figuras que trabalharam na condição de educadores, para o desenvolvimento da psicologia científica na cidade do Rio de Janeiro. Referimo-nos a Manoel Bomfim, Maurício de Medeiros, Plínio Olinto e Lourenço Filho. Dos quatro, os três primeiros foram médicos e o último bacharel em direito. Maurício de Medeiros e Plínio Olinto ainda se dedicaram intensamente à psiquiatria clínica, sendo que Maurício de Medeiros foi catedrático de psiquiatria da Faculdade de Medicina da antiga Universidade do Brasil – hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro – e diretor do Instituto de Psiquiatria da mesma universidade. Dos quatro, ainda os três primeiros atuaram tanto no Pedagogium, instituição criada em 1880 e efetivamente extinta em 1919, quanto na Escola Normal do Distrito Federal. Quanto a Lourenço Filho, tendo realizado parte de sua carreira em São Paulo e no Ceará, foi nomeado em 21.3.32 diretor da Escola de Professores, organizada como uma das unidades do Instituto de Educação que, por igual, absorveu a antiga Escola Normal. Com a exceção de Manoel Bomfim, os demais tiveram atuação a nível universitário, destacando-se a contribuição de Lourenço Filho na Faculdade Nacional de Filosofia, a de Maurício de Medeiros na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil e a de Plínio Olinto na Universidade do Distrito Federal, para a qual foi nomeado em março de 1936, colaborando, juntamente com Nelson Romero, na condição de assistente, com o professor Etienne Souriou.

O texto será dividido em duas partes: a primeira destinada a registrar dados sobre o Pedagogium e sobre a Escola Normal e Instituto de Educação; a segunda dedicada a um exame sumário das contribuições dos quatro psicólogos-educadores acima citados.

* Uma primeira versão deste artigo foi publicada na coletânea *Textos*, do Centro de Pós-Graduação em Psicologia do ISOP/FGV.

** Doutor em Filosofia e em Psicologia, pela UFRJ; professor emérito na UFRJ; diretor do Centro de Pós-Graduação em Psicologia (CPGP) do ISOP/FGV; professor nos Cursos de Mestrado e Doutorado em Psicologia do CPGP; autor de 10 livros (entre os quais, *Introdução à história da psicologia contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978).

Cabe registrar que as anotações que integram esta publicação foram obtidas na Biblioteca do Instituto de Educação, na Biblioteca da Academia Nacional de Medicina, na Biblioteca da Faculdade de Medicina da UFRJ e no Arquivo do CPDOC da FGV. Cabe referência, ainda, ao auxílio recebido da ilustre Profa. Juracy da Silveira, da família do Prof. Plínio Olinto, do ilustre Prof. Rui Lourenço Filho e do ilustre Dr. Alberto Venâncio Filho, aos quais apresentamos aqui nossos agradecimentos.

2. Sobre o Pedagogium e sobre a Escola Normal e Instituto de Educação

A idéia de se fundar o Pedagogium surgiu em 1882 com o Parecer do projeto de ensino primário, elaborado pelo então deputado Rui Barbosa, no qual se cogitava da criação de um "museu pedagógico", com a finalidade de "expor, demonstrativamente, a história, a estatística e a situação atual do ensino em todos os seus graus, no país e no estrangeiro". Em 1883, Franklim Dória pretendeu a criação de um órgão semelhante, chamado no seu projeto de "museu nacional escolar", tentativa que, no entanto, fracassou.

Em 1890, já na República, foi, afinal, criado o Pedagogium pelo Decreto nº 667 de 16 de agosto de 1890, destinado a ser o "centro propulsor das reformas e melhoramentos de que carecesse a educação nacional". Mas, com esse caráter nacional, o Pedagogium havia de ter, forçosamente, vida efêmera, pois a Constituição republicana de 1891 manteve, quanto à instrução, a política descentralizadora do Ato Adicional de 1834.

O Pedagogium funcionou, a princípio, como museu pedagógico, organizado por uma instituição particular, com o material que havia figurado na exposição pedagógica realizada pela Corte, em 1883. Passou depois à jurisdição do governo municipal do Distrito Federal, com programa mais restrito. De qualquer forma, precisamente em 1897, José Joaquim Medeiros e Albuquerque (1867-1933) foi nomeado Diretor da Instrução Pública, no Distrito Federal. Interessado no Pedagogium, Medeiros e Albuquerque logo o transforma de um simples museu em um centro de cultura superior aberto ao público. No Pedagogium instalou-se, em 1906, consoante afirma Plínio Olinto, um laboratório de psicologia experimental – provavelmente o primeiro em todo o país –, dele se encarregando Manoel Bomfim. Em seu livro *Pensar e dizer,* Manoel Bomfim a ele se refere escrevendo: "Durante 12 anos tive à minha disposição um laboratório de psicologia; nas pastas, ainda estão acumuladas anotações, traçados, fileiras de cifras... e nunca tive coragem para organizar uma parte qualquer desses dados e de os publicar, porque nunca obtive uma elucidação satisfatória. Afigurava-se-me um problema aparentemente simples: efeitos de sugestão sobre o esforço muscular; realizava uma série de experimentações e delas resultavam, ao lado de escassas indicações positivas, novos aspectos de pesquisas, isto é, novos problemas. Em apêndice, darei os resultados de experimentações quanto ao tempo de percepção. Foram as mais férteis, entre as que sistematicamente organizei. Esses resultados mostrarão bem quanto é difícil o concluir lucidamente em face de tais experimentações."[1]

[1] Bomfim, Manoel. *Pensar e dizer* – estudo do símbolo no pensamento e na linguagem. Rio de Janeiro, Electros, 1923. p. 27, nota.

Assinale-se que, além do laboratório, freqüentado assiduamente por normalistas formadas, estudantes e pessoas interessadas, promoveu o Pedagogium curso de alto nível, como, por exemplo, o foi o de Antonio Austregésilo sobre a Fisiologia do sistema nervoso. Infelizmente o Pedagogium foi extinto pelo Decreto Municipal nº 1.360, de 19 de julho de 1919. Vale registrar que as notas sumárias que aqui apresentamos foram retiradas de uma reportagem realizada por Adalberto Ribeiro, intitulada Como trabalha o Inep.[2] A rigor, verifica-se que o *Pedagogium* na verdade, foi substituído pelo Inep, criado pelo Decreto-lei nº 580 de 30 de julho de 1938.

Sobre a Escola Normal, os dados que aqui vão reunidos, nós os retiramos do belo trabalho de Jonathas Serrano – ex-diretor da antiga Escola Normal, professor do Instituto de Educação e do Colégio Pedro II – intitulado Cinqüenta anos de ensino normal.[3]

Pelo texto de Jonathas Serrano, verifica-se que a Escola Normal foi efetivamente fundada em 05.4.1880, sendo seu Diretor Interino o Bacharel Benjamin Constant Botelho de Magalhães. A ata de inauguração da Escola, transcrita por Jonathas Serrano, está redigida nos seguintes termos: "Às sete horas da tarde do dia cinco de abril do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e oitenta, em uma das salas do Externato do Imperial Colégio de Pedro Segundo, onde se achava Sua Majestade, o Imperador, o Senhor Dom Pedro Segundo, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil, Sua Majestade, a Imperatriz, S. Exª, o Sr. Conselheiro Barão Homem de Mello, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, o Bacharel Benjamin Constant Botelho de Magalhães, Diretor Interino da Escola Normal, os professores e substitutos da mesma Escola e outras pessoas abaixo assinaladas, depois do discurso do Sr. Dr. Diretor, S. Exª, o Sr. Ministro do Império, disse: 'Com a vênia de Sua Majestade, o Imperador, acha-se solenemente instalada a Escola Normal.'"[4] Tal ata foi encontrada por Jonathas Serrano, no arquivo da Escola, em 1927.

A fundação da Escola em 1890 foi, no entanto, precedida de várias tentativas, sendo de notar que a 25.3.1875 inaugurava o Senador Corrêa, em prédio da rua Larga, de São Joaquim, uma escola de caráter particular, destinada à formação de professores primários. O curso estava planejado para três anos, mas já em 20 de dezembro a escola encerrava suas atividades. Como registra Jonathas Serrano, a lei orçamentária de 1875 autorizava a criação de escolas normais, sendo, pois, dispensável a que fora criada pelo Senador Corrêa. A 2.12.1876 foi lançada a pedra fundamental de nova escola, na esquina da rua da Relação com a rua dos Inválidos. A 30.11.1876 criavam-se duas escolas normais. Uma seria internato e estava destinada à formação de profes-

[2] Ribeiro, Adalberto. Como trabalha o Inep. *Revista do Serviço Público*, ano 5, *3*(3), set. 1942.

[3] Serrano, Jonathas. Cinqüenta anos de ensino normal. *Boletim da Educação Pública*. Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal, *1*(4), out./dez. 1930. Reimp. in: *Arquivos do Instituto de Educação*, Rio de Janeiro, Instituto de Educação, *2*(4), dez. 1945.

[4] ——. *Arquivos do Instituto de Educação*, op. cit. p. 9.

soras primárias; a outra, funcionando em regime de externato, visava à formação de professores. Em anexo a cada uma dessas escolas, previa-se o funcionamento de uma escola primária destinada à prática dos estudantes. Entretanto, só a 6.3.1880, decreta-se a criação da Escola, efetivamente inaugurada, consoante o que consta da ata já transcrita, em 5.4.1880.

De acordo com os dados registrados por Jonathas Serrano, a Escola Normal funcionou até 1888 no edifício da Escola Politécnica, em regime de curso noturno. A seguir passa a funcionar no prédio em que se instalou a Escola Profissional Rivadávia Corrêa, situada na Praça da Aclamação, posteriormente denominada de Praça da República. Em 1914, mudou-se para o Estácio, ocupando o prédio da rua São Cristóvão, onde funcionava a Escola Estácio de Sá. Posteriormente, foi-lhe reservado o edifício situado na esquina do Largo, antes destinado a uma agência da Prefeitura. Já em 1915, conforme consta do breve histórico mimeografado pelo Instituto de Educação, criava-se como uniforme obrigatório o azul e branco, que permanece até hoje. Ainda em 1915, foi-lhe anexada a Escola de Aplicação, destinada ao treinamento dos futuros professores, que funcionava no Campo de São Cristóvão, onde posteriormente se instalou a Escola Gonçalves Dias.

Conforme observa Lourenço Filho, "até 1900, não constava a psicologia como disciplina especial em nossas escolas normais, como, aliás, não constava nas da maioria dos países". A modificação dos programas do ensino nacional, em 1890, com a substituição da disciplina filosofia pelas de psicologia e lógica, na reforma Benjamin Constant Botelho de Magalhães, parece ter animado a maioria dessas escolas, nos 20 anos seguintes, a desdobrarem o programa de pedagogia em duas partes, das quais a primeira era consagrada à apresentação de noções de psicologia. Parece certo, também, que as primeiras escolas normais a adotarem tal esquema foram as da capital de São Paulo e a do Distrito Federal.

Jonathas Serrano, contudo, registra que, em 1921, decretava-se o ensino da psicologia nas escolas normais, como disciplina facultativa. Obviamente, sob o protesto dos grandes educadores como, por exemplo, Manoel Bomfim. O próprio Jonathas Serrano, não obstante sua condição de professor de história, considerava um absurdo a conversão de uma disciplina básica para o estudo da pedagogia em disciplina facultativa. A situação, contudo, reformula-se em conseqüência do Decreto de 23 de janeiro de 1928 quando, de novo, a psicologia experimental aplicada à educação apareceu como a primeira das matérias do ciclo normal, ao lado da pedagogia, história da educação, didática, sociologia, higiene e puericultura. Em 1930, a Escola Normal transfere-se para o magnífico prédio mandado construir pelo Prefeito Prado Junior e aí permanece até 1932, quando, precisamente pelo Decreto nº 9.810, de 19 de março de 1932, expedido pelo Interventor Pedro Ernesto, fundou-se o Instituto de Educação que, de fato, resultou na incorporação, em um só estabelecimento, da Escola Normal, das escolas anexas (Jardim de Infância e Escola de Aplicação), obviamente todas so-

frendo modificações. Criado o Instituto, logo é nomeado seu diretor o Prof. Lourenço Filho, chamado, de fato, por Anísio Teixeira, então responsável pela instrução pública no Distrito Federal. Lourenço Filho impusera-se à essa escolha pelo magnífico trabalho realizado em São Paulo, quando exerceu a Diretoria Geral do Ensino. Como bem observa Francisco Venâncio Filho (1945), foi, assim, o Instituto de Educação, obra dos três grandes educadores dessa nossa fase histórica: Fernando Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho. Assinale-se, ainda, que em 1934 é nomeado Lourenço Filho professor-chefe da seção de Psicologia e Sociologia Educacional do Instituto.
Entendemos que as referências ao Pedagogium, à Escola Normal e ao Instituto de Educação revelam-se inteiramente pertinentes, na medida em que foram as instituições onde, de fato, iniciou-se, de modo sistemático, o ensino da psicologia no Rio de Janeiro.

3. A obra de Manoel Bomfim

Manoel Bomfim (1868-1932), natural de Sergipe, formou-se em Medicina em 1890. Começou a trabalhar – como registra Evaristo de Moraes Filho (1981) – ainda estudante, em *O Correio do Povo,* de Alcindo Guanabara. Médico da Polícia do estado do Rio, foi diretor do Pedagogium. Ingressou no magistério em 1898, ensinando instrução moral e cívica na antiga Escola Normal, dedicando-se, em seguida, ao ensino da pedagogia, da psicologia e do português. Organizou, em 1906 (no Pedagogium), o que provavelmente terá sido o primeiro laboratório de psicologia experimental do Brasil. Sua preocupação em dominar as técnicas da psicologia experimental levou-o a Paris (em 1902), onde estudou com George Dumas, cujo laboratório funcionava anexo à Clínica de Jouffroy, em Saint'Anne. Foi durante sua permanência em Paris que escreveu sua notável obra intitulada *A América Latina.*[5] É de se assinalar, contudo, que, em advertência ao leitor, assegura Bomfim que a obra se apóia em notas, observações e reflexões, reunidas durante nove anos, e que a idéia de incorporá-las em livro ocorreu-lhe 10 anos antes, ao ler o livro de Bagehot *Physic and politic.* Advertenos, ainda, que as referidas notas, observações e reflexões que integram o livro foram antes apresentadas resumidamente em um Parecer, que se converte no prefácio à excelente *História da América,* de Rocha Pombo, obra vitoriosa em um concurso para aproveitamento de um compêndio de história da América, aberto em 1897 pelo Diretor-Geral da Instrução Pública, quando Manoel Bomfim era membro do Conselho Superior de Instrução Pública.

A obra de Manoel Bomfim distribuiu-se em três áreas diferentes: a história, a pedagogia e a psicologia. Embora nos devamos interessar apenas pela contribuição no campo da psicologia, de modo algum nos cabe descartar algumas considerações sobre o que produziu nas outras áreas, pela relevância que elas efetivamente mostram em função de uma perspectiva psicológica mais aberta.

[5] Bomfim, Manoel. *A América Latina:* males de origem. 2. ed. Rio de Janeiro, A Noite, 1903. 463p.; *A América Latina.* Paris, Garnier, 1905.

Em *A América Latina:* males de origem detectamos posições muito avançadas no domínio do que poderíamos considerar psicologia da cultura, como, por exemplo, sua enérgica rejeição das teses racistas, segundo as quais a inferioridade dos países latino-americanos se deveria a fatores raciais. Essa tese que, por outro lado, contava com o aval de figuras altamente significativas, como as de Nina Rodrigues, Tobias Barreto, Sílvio Romero e Oliveira Viana, é totalmente negada. Opta Manoel Bomfim por um tipo de explicação centrada no conceito de parasitismo social. Sua tese é a de que todas as nações da América Latina sofreram as conseqüências do modo como foram colonizadas por Portugal e pela Espanha. Fundamentalmente, o que se denuncia é a relação de parasitismo social em função da qual os países colonizadores, na condição de parasitas, prejudicaram profundamente as populações que viviam na América e que sofreram, de modo brutal, os efeitos do parasitismo. Muito significativo é o seu diagnóstico de que esse parasitismo, se nos atingiu duramente, não menos deixou de atingir os países parasitas que, de fato, sofreram-lhe os efeitos, não acompanhando o ritmo de desenvolvimento que atingiu o restante da Europa. Na verdade, não chegaram a atingir a condição de sociedades industriais. Segundo Manoel Bomfim, essa tese, central em seu livro, nem sempre foi detectada pelos seus críticos e mesmo Sílvio Romero, que lhe dedicou um livro, das mesmas proporções que o seu, não chegou a apreender-lhe o significado. Vale assinalar que o livro de Sílvio Romero foi editado na cidade do Porto, em 1900.

Manoel Bomfim ainda sustenta a tese de que o Brasil foi o primeiro país da América a se dotar da condição de individualidade. Por outro lado foi-lhe peculiar a tese de que em nossa história devemos mais aos índios do que aos negros e aos próprios portugueses. Na verdade, tanto os negros quanto os portugueses eram em número bem mais reduzido que o dos índios. Registre-se que essas duas observações aparecem desenvolvidas na trilogia que escreveu sobre o Brasil, ou seja, em *O Brasil na América.* Caracterização da formação brasileira;[6] *O Brasil na História.* Deturpação das tradições: degradação política;[7] *O Brasil Nação:* realidade da soberania brasileira.[8] Resumindo o conteúdo dessa trilogia, ainda Manoel Bomfim publicou *O Brasil,* com nota explicativa de Carlos Maul.[9]

Um dos trechos mais significativos do pensamento de Manoel Bomfim encontramo-lo em *A América Latina.* Revela o avançado de suas idéias no campo social e político e não passou despercebido a Evaristo de Moraes Filho em seu livro sobre *O socialismo*

[6] Bomfim, Manoel. *O Brasil na América.* Caracterização da formação brasileira. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1929.

[7] ——. *O Brasil na história.* Deturpação das tradições: degradação política. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1930.

[8] ——. *O Brasil Nação:* realidade da soberania brasileira. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1931.

[9] ——. *O Brasil.* São Paulo, Nacional, 1940.

brasileiro: seleção e introdução.[10] O trecho, inspirado em Anatole France, antecipa, sob certos aspectos, quer o pensamento de E. Bloch, quer o de A. Gramsci. Escreve Manoel Bomfim: "Utopia... Utopia... repetirá a sensatez rasteira. Utopia sim; sejamos utopistas, bem utopistas, contanto que não esterilizemos o nosso ideal, esperando a sua realização de qualquer força imanente à própria utopia; sejamos utopistas, contanto que trabalhemos." "Sem os utopistas de outrora (escreve Anatole France) os Homens viveriam, ainda hoje, nas cavernas, miseráveis e nus. São os utopistas que traçaram as linhas da primeira cidade. Dos sonhos generosos saem realidades benfazejas. A utopia é o princípio de todos os progressos e o esboço de um futuro melhor. (...) Deixemos às gentes conservadoras e refletidas o condenar e desprezar a utopia – Marthas absorvidas na banalidade comum, que o uso já mecanizou; queiramos o que será a glória de amanhã."[11]

Na área pedagógica Manoel Bomfim produziu duas obras básicas: As *Lições de pedagogia*[12] e *Cultura e educação do povo brasileiro.*[13] Esta última foi totalmente ditada para Joracy Camargo, um mês antes de morrer e quando suas forças já não lhe permitiam escrever. Pois o tema dominante em toda a obra pedagógica de Manoel Bomfim é o da relevância da educação primária ou da educação popular. Em *Cultura e educação do povo brasileiro,* essa é a tese que ele defende, sustentando, inclusive, como grande erro, a política do Governo da República em entregar essa educação aos estados. Pelo sentido eminentemente integrador dessa educação ela deveria ser incumbência do Governo da República e não dos governos estaduais. O texto, publicado em 1932, na realidade repete reflexões que datam dos idos de 1897 e isso é de extrema importância para que se possa detectar ou perceber o caráter avançado do seu pensamento. Em suas 118 páginas podem-se registrar pensamentos em extremo, lúcidos, envolvendo profundas concepções filosóficas e sociais como, por exemplo, quando escreve: "Qual outro meio – senão a instrução – de fazer compreender aos homens que eles não devem esperar o bem-estar e a prosperidade da força dos decretos, nem da fatalidade das leis econômicas, e sim do próprio esforço – do trabalho inteligente?"[14] A citação vale para mostrar sua íntima conexão com suas reflexões acerca das utopias que nunca descartam o trabalho como fator decisivo de suas concretizações. Também escreve com extrema lucidez: "Hoje – e o texto era de 1897 – a pedagogia compreendeu que a missão da Escola não é fazer sábios, nem tão-somente, implantar no espírito do aluno uma certa dose de conhecimentos, mas

[10] Moraes Filho, Evaristo de. *O socialismo brasileiro:* seleção e introdução. Universidade de Brasília, 1981.

[11] Bomfim, Manoel. *A América Latina.* op. cit. p. 429.

[12] ——. *Lições de pedagogia.* Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1915.

[13] ——. *Cultura e educação do povo brasileiro.* Rio de Janeiro, Pongetti, 1932.

[14] Id. ibid. p. 45.

sim, tomando de uma inteligência qualquer, torná-la apta a aprender. Ela instrui ensinando a estudar. Os conhecimentos que confere são antes um meio que um fim."[15] Bastante significativa é sua reflexão sobre o verdadeiro sentido da liberdade. Escreve Bomfim: "De que nos serve decretar o regime de liberdade se não sabemos compreendê-lo? ... A liberdade não se cria pela virtude merífica das leis: enquanto a maioria dos brasileiros não estiver no caso de compreender os seus direitos e deveres cívicos, só teremos o governo da nação como expressão de um poder pessoal."[16] Sua decidida opção contra a relevância dos fatores raciais, tão do gosto de Oliveira Viana, Sílvio Romero, Nina Rodrigues e Tobias Barreto, e sua preferência pela importância da educação renovam-se quando escreve: "O remédio contra tudo isso está exclusivamente na instrução popular, capaz de criar o que se pode chamar uma alma nacional, lúcida, sã, caracterizada e forte."[17] Ou ainda: "Sofremos, neste momento, uma inferioridade, é verdade, relativamente aos outros povos cultos. *É a ignorância,* é a falta de preparo e de educação para o progresso – eis a inferioridade efetiva; mas ela é curável, facilmente curável. O remédio está indicado: a necessidade imprescritível de atender-se à instrução popular."[18] Acerca do significado da educação, ao longo do processo do desenvolvimento individual, escreve: "A educação equivale, em verdade, a um terceiro período de desenvolvimento, na constituição do ser humano completo: gestação, aleitamento, educação. A educação é uma conseqüência natural da superioridade da organização nervosa do homem, como o aleitamento é uma conseqüência natural da organização biológica dos mamíferos. É tão necessário educar a criança como aleitar o recém-nascido. Para o homem, tanto é condição de vida o alimentar-se o bebê, e garantir a formação completa do seu organismo, como dar à criança a educação, que lhe nutre a inteligência e permite a formação de seu espírito para a vida moral."[19]

No domínio da educação, o outro texto significativo é: Lições de Pedagogia.[20] No prefácio fornece Manoel Bomfim alguns dados históricos interessantes, envolvendo, inclusive, a história da psicologia que é o nosso assunto central. Escreve: "Desde que se criou a cadeira de pedagogia na Escola Normal, há 18 anos (portanto, em 1897) foi ela desdobrada em dois cursos: um preparatório, de psicologia, feito na terceira série, e o de pedagogia e metodologia, professorado na quarta série."[21] "A últi-

[15] Id. ibid. p. 65.

[16] Id. ibid. p. 58.

[17] Id. ibid. p. 58.

[18] Id. ibid. p. 41.

[19] Id. ibid. p. 14.

[20] Bomfim, Manoel. *Lições de pedagogia.* op. cit.

[21] Id. ibid. p. 5.

ma reforma, regulamentada há menos de um ano (portanto, em torno de 1914), reduziu taxativamente as duas disciplinas a um só curso, ensinando, em um ano, com a recomendação explícita – de que a parte da psicologia se reduziria a noções perfunctórias... Há tanto propriedade em fundir a psicologia na pedagogia, como em fazer desaparecer a ciência da fisiologia na arte da higiene."[22] O livro, na verdade, é composto de resumos das suas aulas. Essa condição se repete em seu texto *Noções de psicologia.*[23] Assinale-se que na edição de 1917 (2ª ed.) refere-se Manoel Bomfim a novo regulamento e a novos programas, separando a psicologia da pedagogia e entregando as duas disciplinas a professores diferentes. O livro *Lições de Pedagogia* está dividido em 24 capítulos, assim distribuídos: no primeiro, a Introdução. A pedagogia: objeto e definição. O segundo capítulo versa sobre a doutrina geral da educação. O capítulo terceiro está dedicado ao estudo do processo educativo. Inclui o estudo da imitação, da invenção, dos hábitos e sua correção. O quarto capítulo versa sobre cultura física e hábitos higiênicos. O quinto sobre ginástica. O sexto discorre sobre os métodos e processos gerais em pedagogia. O sétimo sobre a instrução primária e sobre as funções da escola. O oitavo concentra-se no estudo da pedagogia do conhecimento. O nono sobre condições da atividade mental. O 10º sobre a pedagogia da linguagem. O 12º sobre a metodologia da matemática. O 13º sobre a metodologia da geografia. O 14º sobre a metodologia da história. O 15º sobre a metodologia das ciências físicas e naturais. O 16º capítulo sobre a metodologia das lições de coisas. O 17º sobre a metodologia dos trabalhos práticos. O 18º sobre a pedagogia dos trabalhos manuais. O 19º sobre a moralidade: a escola e a formação moral. O 20º sobre a vida afetiva. O 22º sobre a educação da vontade e constituição do caráter. O 23º sobre o apuro do caráter e a organização do proceder. O 24º sobre dor e prazer na educação e, finalmente, a conclusão, na qual se disserta sobre o problema da felicidade.

Finalmente, na área da psicologia – tema do presente texto – registramos uma contribuição excepcionalmente significativa. Nela Manoel Bomfim produziu diversos trabalhos, dos quais dois não tivemos oportunidade de localizá-los e nos escapam no que concerne à possibilidade de comentá-los. Referimo-nos a: O fato psíquico e a As alucinações auditivas do perseguidor. Por igual nos escapa qualquer comentário a um trabalho intitulado O respeito à criança. Não obstante, os dois mais importantes textos redigidos por Manoel Bomfim aparecem aqui comentados. Referimo-nos a *Noções de psicologia* e *Pensar e dizer*, estudo do símbolo no pensamento e na linguagem.[24] Desses, sem dúvida *Pensar e dizer* se destaca como sua mais importante contribuição. Contém, inclusive, dados preciosos acerca de seu engajamento na psicologia experimental e acerca das possibilidades de informação implicadas nos laboratórios de pesquisa. Efetivamente, o que se registra é um certo desencanto pelas possibili-

[22] Id. ibid. p. 5.

[23] Bomfim, Manoel. *Noções de psicologia.* Rio de Janeiro, Livraria Escolar, 1916.

[24] ———. *Pensar e dizer...* op. cit.

dades da psicologia de laboratório, desencanto que ele relata ter percebido em pesquisadores do porte, por exemplo, de Alfred Binet. Suas críticas à psicologia de laboratório, como ele próprio a denomina, antecipam restrições que hoje registramos entre os etólogos. Por exemplo, e se referindo especificamente a Binet, escreve Manoel Bomfim: "Paralelamente, Binet, um dos raros com quem a psicologia de laboratório realizou muita obra útil – o consciencioso Binet, fazia uma confissão idêntica, e, desiludido da introspecção experimental, voltou-se finalmente para a psiquiatria e para a psicologia especulativo-metafísica. Foi a crise que levou Wundt, Wirchow e muitos sábios de laboratório para o dualismo."[25] Manoel Bomfim refere-se à crise que se desencadeou na psicologia, crise que ele atribuiu a pouca fecundidade do método experimental. Precisamente isso ele declara nas primeiras páginas de *Pensar e dizer.* Escreveu, por exemplo: "No entanto, reconheçamo-lo: há dois decênios já que a ciência do espírito vem de crise em crise, como se todos os métodos tivessem falhado, e se, nos ânimos estudiosos, houvessem aluído todas as esperanças... Entendamo-nos: a crise apontada e acusada foi tão-somente na psicologia de laboratório. É verdade que neste último meio século os laboratórios pareciam ter monopolizado o estudo do espírito. O sucesso das pesquisas de Weber, Fechner, Wundt, Binet... foram exaustivamente apregoados; formaram-se batalhões de *medidores de limiar de consciência e tomadores de tempo de reação,* com a insensata pretensão de captar, assim, grosseiramente, as atividades psíquicas, reduzindo-as a médias e curvas, organizadas a compasso de Weber e cronoscópio de Hipp."[26] E, em nota de rodapé, ainda escreve: "Em 1902, quando estive em Paris pela primeira vez, para conhecer de perto os métodos de estudos psicológicos, já era muito sensível a crise de descrença e desilusão nos laboratórios."[27]

Acerca ainda de insuficiência da psicologia de laboratório, no que concerne à pesquisa do pensamento, escreve: "A dinâmica do pensamento humano não poderia conter-se na estreiteza do laboratório; deforma-se, anula-se. Mesmo as simples associações de idéias: melhor as conhecemos na análise de uma obra qualquer, naturalmente pensada e escrita, do que nas milhares de pesquisas que, para esse fim, se fizeram. Tomem o albatroz, ou mesmo o tico-tico, atem-no, já encerrado numa gaiola, e, agora, tentem estudar-lhe a dinâmica do vôo! Pois, foi mil vezes mais insensata a pretensão de conhecer o conjunto do espírito, pelo que se obtém nas simples pesquisas a lápis e aparelhos. Tais pesquisas foram úteis; serão necessárias muitas vezes, porque o assunto tão complexo – o mais complexo a que se pode dedicar a mente humana – tem de ser apurado à luz de todos os métodos, com a contribuição de todos os recursos; mas, evidentemente, dos métodos possíveis e aplicáveis, o mais insuficiente será sempre este: tomar um indivíduo, considerá-lo isoladamente, impor-lhe con-

[25] Id. ibid. p. 25.

[26] Id. ibid. p. 21.

[27] Id. ibid. p. 23.

dições restritas e artificiais do laboratório, para inferir da sua consciência deturpada o regime normal no comum das consciências. Meditemos um momento, e desde logo se fará a convicção de que o espírito humano, complexo, essencialmente ativo e instável como é, tem de ser estudado e compreendido nas formas normais e completas de suas realizações naturais. Ele existe e produz, e se manifesta como atividade conjunta e coletiva; assim tem de ser compreendido e estudado." E completando com uma crítica à introspecção: "A introspecção, somente pura observação individual, que seja ou não trabalho de laboratório, nunca poderia dar a base completa das leis do espírito."[28] A longa transcrição deixa perceber não só a crítica ao artificialismo do laboratório como as suas limitações para efeito de se detectarem as condições reais do comportamento, conforme aliás afirmam os etólogos de hoje. Por igual, sublinha a relevância dos aspectos sociais inerentes às atividades humanas, reafirmando essa tese em outro espaço. Escreve: "no homem, a atividade psíquica – a vida do espírito – é uma atividade formalmente socializada. Nem mesmo podemos abstrair o espírito do viver social."[29] Ainda a propósito do método escreve: "Métodos complementares serão utilizados, mas o essencial se fará sempre na análise interpretativa dessa longa obra em que o espírito humano se tem revelado, como a própria realização das consciências. Baldwin, que não é apenas um professor de psicologia, senão um verdadeiro filósofo, sendo um dos mais seguros orientadores da psicologia exata e científica, assim o entendeu."[30] Vale que se recorde que o desencanto de Manoel Bomfim com relação ao método experimental ou, como ele preferia, à psicologia experimental, revela-se presente no texto, já reproduzido no tópico em que mencionamos a criação por ele do laboratório do Pedagogium em que realizou pesquisas durante 12 anos. Pelas suas declarações percebe-se, contudo, que não tinha uma adequada preparação para se dedicar com eficiência ao trabalho experimental. Um verdadeiro relatório dessas pesquisas encontramos no apêndice prometido em trecho já citado.[31] Tal relatório está apresentado sob o título O tempo de percepção. Escreve Manoel Bomfim: "No correr de 1916, o laboratório do Pedagogium foi muito freqüentado por um grupo de estudiosos, inteligentemente interessados pelas questões de psicologia."

Depois de algumas experimentações quanto à articulação da palavra, ação da vontade sobre o esforço muscular, associação das idéias (...) pareceu possível estudar e pesquisar – a função do tempo da percepção pela vista.

O mais difícil, na disposição do material e da aparelhagem das experimentações, era obter um obturador seguro, permitindo uma visão em condições aproximadas do nor-

[28] Id. ibid. p. 27.

[29] Id. ibid. p. 28.

[30] Id. ibid. p. 29.

[31] Id. ibid. p. 23.

mal. Conseguimos um, que dava a abertura de oito centímetros por quatro, durante, praticamente, dois centésimos de segundo (1/49). As experimentações eram assistidas por quatro pessoas que tinham seguido o curso de conferências e os dois preparadores do laboratório. Fizeram-se duas séries de experimentações: uma para a visão de objetos em natureza; a outra para a visão de desenhos.

Das primeiras participaram seis dos assistentes, e que eram, além dos preparadores, dois estudantes de engenharia e duas normalistas diplomadas.

Os objetos dados a ver eram coisas comunísimas, cuja percepção em condições ordinárias se fez sem nenhuma hesitação: livro, tinteiro, copo (...) peixe (empalhado), pássaro (...) flor, fruto comum (...) instrumentos usuais no laboratório (...). Assim foi composta uma coleção de 60 objetos. O obturador estava disposto no fundo afilado de uma caixa de forma piramidal, e cuja base, aberta, ficava bem em face do sujeito; este se colocava sentado, confortavelmente, à cabeceira de mesa, de tal sorte que, na ambiência comum do laboratório, com a luz ordinária, só se oferecia para a sua visão o fundo opaco da caixa, ou o que aparecia além do obturador quando este se abria. O obturador funcionava, aproximadamente, a 25 centímetros do plano dos olhos; para trás dele, em plena luz do dia, a um metro e meio de distância, ficava um plano inclinado que ocupava todo o campo visual descortinado no obturador, e, sobre ele, os objetos que deviam ser percebidos.

Antes de registrar os resultados, cada assistente passou pela cadeira e ensaiou ver e perceber através de abertura do obturador o bastante para que a visão assim perdesse o caráter de novidade. Começamos experimentando a percepção de um novo objeto, e verificamos que, nesse tempo de dois centésimos de segundo, um objeto comum, nas condições dadas, é sempre reconhecido. Apenas três das pessoas, uma vez cada uma, deixaram de ver; não foi o não reconhecer; mas o não estar devidamente atento para olhar. Tanto que a resposta foi, mais ou menos – Ah! não vi! (...) em tais condições, podemos desprezar essas três falhas, que, aliás, não foram com o mesmo objeto.

Com dois objetos da mesma coleção: 8% das vezes foram percebidos ou reconhecidos os dois objetos, 13% das vezes não foram reconhecidos nenhum dos objetos. No restante das vezes, foi reconhecido apenas um dos objetos apresentados.

Não notei preferência sensível nos objetos reconhecidos, ou não reconhecidos; o fator mais importante era a posição do objeto ou o destaque de um sobre o outro. Mas sobreveio, no tomarem-se os nomes dos objetos reconhecidos, uma circunstância tão importante, que me pareceu melhor não insistir na experimentação, levando-a à percepção de três objetos: alguns dos sujeitos, principalmente o terceiro, que era um sextanista de medicina, preparador no laboratório, dava algumas das designações em circunlóquios. Se era uma escova, dizia – aquilo que limpa... Se era tesoura – ele

abria e fechava os dedos, no gesto de cortar... Ao mesmo tempo, notava-se que ele dava os nomes e as indicações açodadamente. Era por isso, justamente, que lhe faltavam as designações: precipitava-se em indicar o que tinha visto e o indicava nos primeiros sinais que lhe acudiam à mente.

Há a assinalar, no caso, estes dois aspectos: ele simbolizava muitas idéias-objetos, em imagens motoras, em vez de imagens verbais: o obturador agia sobre a sua consciência numa sugestão de pressa: e era isso que o levava a dizer precipitadamente o que tinha visto. Não assinalei o fato explicitamente, para não criar um novo motivo turbador, mas sempre que repetia a experiência dizia: Pode dizer o mais calmamente possível.

Nos *sujets* subseqüentes, notava-se a mesma precipitação, as mesmas indicações por circunlóquios, se bem que menos acentuadamente. A sugestão de pressa tem, talvez, uma dupla origem: a rapidez do movimento do obturador e o receio de esquecer os objetos percebidos tão fugazmente. De todo modo, foi este um fator que interveio inesperadamente e sensivelmente modificou os resultados da experiência, patenteando uma nova função do elemento-tempo.

Os desenhos eram todos em traços, nas dimensões de 6x7 centímetros, e representavam objetos e coisas triviais: um homem a cavalo, pássaro, escada de pedreiro, crescente, árvores, flor... Apresentava-se, um de cada vez, durante os dois centésimos de segundo. Serviram de *sujets* somente duas normalistas. D.S., brasileira de nascimento, fisionomia bem brasileira; Senhorita N., de origem polaca, educada no Brasil. Foram ambas do meu curso na Escola Normal e tinham notas equivalentes – boas alunas, sem destaque especial. Apresentado o desenho, em séries de seis, com 10 minutos para repouso, perguntava-se: 'que viu?'

No total: D.S. respondeu certo 64% de vezes, senhorita A. somente 52% de vezes. Mais importante do que o resultado é o fato seguinte: D.S. respondia invariavelmente, sem nenhuma exceção: Vi um ramo... ou – uma mesa ou – nada. Ao passo que a Senhorita N. muitas vezes (aproximadamente 19% de vezes) respondia: Vi uns riscos, assim... um como que quadrado... Sem distinguir ou reconhecer o objeto, ela via, no entanto, qualquer coisa. Ao passo que a outra – ou percebia bem a realidade, ou nada via. Ora, a teoria clássica é a de que o conhecimento perceptivo começa por uma análise, que é o reconhecimento dos dados sensoriais, que, à luz da experiência feita, se conformarão na síntese – percepção. São os conhecimentos, no objeto, que precedem o – conhecimento – do objeto. Essa análise será fugaz, fugacíssima; todavia afigura-se indispensável. Pois bem: D.S. percebia sempre em síntese; ou reconhecia um objeto ou portava-se como se não tivesse sido impressionada pelos desenhos.

Outros motivos fizeram suspender o curso dessas experimentações; mas, ainda sem esta interrupção, não teríamos podido tirar delas nenhuma conclusão explícita, se não a indicação de novas dificuldades."[32]

O último período do longo trecho transcrito comprova o que dissemos antes, ou seja, de que realmente faltava a Manoel Bomfim um domínio adequado da pesquisa experimental. De qualquer modo, como registra Lourenço Filho, vários relatórios de pesquisa chegaram a ser publicados pelo eminente sergipano.

Pensar e dizer compõe-se de 509 páginas contendo, ao todo, 18 capítulos, ao longo dos quais estuda: 1. A função de simbolização; 2. Mecanismo mental dos símbolos; 3. A simbólica das idéias; 4. A simbólica subjetiva; 5. Função do símbolo; 6. Símbolos de conjuntos; 7. Símbolos sugestivos; 8. Símbolos estéticos; 9. Simbólica na literatura; 10. Condições de comunicação das consciências; 11. A consciência refletida; 12. Pensamento e expressão; 13. O símbolo verbal; 14. O labor mental; 15. O pensamento na expressão; 16. Caracterização da linguagem; 17. O léxicon; 18. O purismo gramatical.

A bibliografia citada é extremamente rica e bastante atualizada para a época em que o livro foi escrito. As considerações centradas na natureza da linguagem, no problema das relações entre a linguagem e o pensamento, na temática da afasia, por exemplo, revelam-se extremamente informativas. Particularmente no que se refere à afasia, apóia-se Manoel Bomfim no clássico estudo realizado por Bernheim, publicado no *L'Anneé Psychologique* de 1907.

No que se refere ao texto publicado sob o título *Noções de Psicologia,* afirma Manoel Bomfim, como já tivemos ocasião de assinalar, ter resultado dos resumos de seus cursos na Escola Normal. Com 307 páginas, contém 24 capítulos, dos quais o último está dedicado ao estudo do caráter, personalidade e tradição social. Nele prevalecem dados recolhidos de Ribot, Malapert, Paulham e Claparède. A temática coberta nos capítulos citados é: 1. Estudo do objeto da psicologia, com destaque concedido ao conceito de síntese. Também a classificação dos fenômenos psíquicos é considerada. 2. Estudo das condições orgânicas dos fatos psíquicos. 3. Considerações sobre os conceitos de consciência e atenção. Aqui, a influência predominante é a de James. 4. Estudo das atividades sensoriais. 6. Estudo dos aspectos gerais na consciência das sensações. Aqui, o tema central é a análise das contribuições de Weber e Fechner. Subscreve-se ainda a distinção entre sensação e percepção, afirmando-se representar, a primeira, o conhecimento sobre os objetos e, a segunda, o conhecimento do objeto. 7. Centrado no estudo da inteligência e, em particular, no da percepção. 8. Estudo do tempo e do espaço. 9. Sobre a organização da experiência; 10. Versa so-

[32] Id. ibid. p. 507-9.

bre a ideação. 11. Estudo da imagem e da imaginação. 12. Análise da elaboração do conhecimento racional, juízo e raciocínio. A temática aqui, portanto, é a da análise do pensamento. 13. Estudo da memória e da associação de idéias. 14. Sobre a afetividade. 15. Estudo das tendências e inclinações. 16. Análise da simpatia. 17. Composição e formas dos estados afetivos; 18. Sobre a vontade. 19. Sobre a volição. 20. Normalização da atividade consciente. 21. Sobre o desenvolvimento psíquico da criança. 22. O estudo da imitação, invenção e correção encerra o volume. Vale assinalar que a temática do sentimento e da vontade ele já a havia considerado nas *Lições de pedagogia.*

Manoel Bomfim foi, efetivamente, um autodidata. Em que pese sua passagem pelos laboratórios de Dumas, sua formação se fez à base das leituras que realizou. Chamado de mestre por Maurício de Medeiros ele de fato o foi, ao longo dos anos em que atuou, quer no Pedagogium, do qual se tornou diretor, quer na Escola Normal onde, por igual, foi por algum tempo diretor.

4. A contribuição de Maurício Campos de Medeiros (1885-1966)

Irmão mais moço de Medeiros e Albuquerque, psiquiatra, psicólogo e educador, esteve ligado tanto ao Pedagogium, quanto à Escola Normal para cuja docência chegou a escrever tese sobre *Supranormais,*[33] publicada em 1930, mas de fato não defendida em decorrência de suas atividades como político. Na Faculdade de Medicina na Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi catedrático de psiquiatria, como tal realizando notável trabalho, inclusive para introdução da psicanálise no ensino universitário, quando confiou a Danilo Perestrelo (docente livre de formação psicanalítica) a tarefa de dar um curso centrado nas idéias freudianas. Assinala-se que Maurício de Medeiros, antes de se converter em catedrático de psiquiatria, lecionou duas outras disciplinas na mesma Faculdade, tendo sido durante largos anos médico-psiquiatra do Hospital Nacional de Alienados. Membro da Academia Nacional de Medicina, chegou a deputado e a Ministro da Saúde. Tal como Manoel Bomfim, buscou também consolidar seus conhecimentos de psicologia freqüentando o laboratório de George Dumas e cursando suas aulas de psicologia normal na Sorbonne. Foi sob a direção, ou pelo menos sob a influência de Dumas, que elaborou sua tese de doutorado sobre *Os métodos da psicologia,* apresentada e defendida na Faculdade de Medicina, em 1907. Ainda sob a influência de Dumas, instalou o que ele próprio considerava o segundo laboratório de psicologia experimental no Brasil (o primeiro teria sido o de Bomfim), fazendo-o funcionar no já citado Hospital Nacional de Alienados. A aparelhagem que compunha o laboratório, segundo afirma Plínio Olinto, tinha sido encomendada por Juliano Moreira sob a inspiração de Dumas e, com ela, muitos trabalhos de pesquisa teriam sido realizados. Tais trabalhos, segundo Medeiros, perderam-se na sua totalidade. Conforme sustenta Plínio Olinto, ele próprio trabalhou du-

[33] Medeiros, Maurício Campos de. *Supranormais.* Tese de docência. Ed. Vida Doméstica, 1930.

rante dois anos nesse laboratório onde, inspirado em Claparède, elaborou sua tese de doutorado sobre a associação de ideáis em sujeitos normais e, depois, um outro trabalho sobre diagnóstico diferencial entre hebefrênicos e periódicos.[34]

Sobre a tese de doutorado de Maurício de Medeiros, tivemos oportunidade de examiná-la na Biblioteca da Academia Nacional de Medicina. Nela distinguia a introspecção, os métodos de observação normal e patológica, o método comparativo e o método experimental, por igual aplicado tanto em sujeitos normais como em portadores de patologias. Refere-se ao recurso do interrogatório utilizado por Dumas, que operava com um colaborador oculto, que registrava o que de mais importante lhe parecesse nos depoimentos apresentados pelos sujeitos. Destaca como recursos extremamente valiosos os fornecidos pela lingüística e pela crítica literária. Obviamente Wundt e Max Muller parecem convenientemente citados. Refere-se aos laboratórios de Janet, sem grandes recursos instrumentais, funcionando anexos à Clínica do Prof. Raymond, na Salpetrière e ao de Dumas, anexo à Clínica de Jouffroy, em Saint'Anne. Revela-se, por outro lado, extremamente impressionado com o laboratório de Kraepelin, em Munique, pela riqueza da aparelhagem utilizada. Segundo observa Maurício de Medeiros, o emprego dos instrumentos no campo da psicologia experimental só se revelou efetivamente útil a nível de psicologia normal.

Maurício de Medeiros produziu, ao longo de sua atividade docente e clínica, boa quantidade de trabalhos, cabendo citar-se, dentre eles, *Psicoterapia e suas modalidades,* publicado em 1929; a tese sobre *Supranormais* publicada em 1930; e os *Aspectos da psicologia infantil.*[35] Este, dividido em nove capítulos, compõe-se de temas não vinculados entre si. Na verdade o livro trata: 1. Dos aspectos de psicologia infantil, o que dá o título do livro; 2. Do mundo imaginário da criança; 3. Da evolução psicológica da infância e desajustamentos infantis; 4. Do exame psíquico em clínica geral; 5. Do significado da medicina psicossomática; 6. Da gênese e evolução da psiquiatria; 7. Dos milagres da psiquiatria moderna; 8. Das neuroses e psicoses em climatério feminino; 9. Da psiquiatria e direito.

A bibliografia consultada não é mencionada a não ser, eventualmente, no próprio texto, mas percebe-se o quanto Maurício de Medeiros estava atualizado, especialmente em alguns dos capítulos do livro, nos quais aparecem referências a Susan Isaacs, a Weiss (no que concerne à medicina psicossomática), ao psicanalista argentino Arnoldo Rascowsky e a tantos outros que produziram significativas contribuições para o desenvolvimento da psicologia e da psicanálise. Também sua convivência com os grandes filósofos é facilmente notada por referências a Platão, Hegel, etc. Com base na obra da Dra. Susan Isaacs apresenta Maurício de Medeiros os 10 mandamentos

[34] Tal trabalho foi publicado nos *Arquivos Brasileiros de Psicologia, Psiquiatria e Medicina Legal, 7* (1/2).

[35] Medeiros, Maurício Campos de. *Aspectos da psicologia infantil.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1952

da educação infantil que vale que se transcreva aqui: 1. Não digas a uma criança "não faças isso", sem lhe dares outra coisa a fazer; 2. Não digas que uma coisa é má, apenas porque ela te aborrece; 3. Não fales das crianças em sua presença, nem penses que elas não escutam, não observam, nem compreendem; 4. Não interrompas o que uma criança está fazendo sem avisá-la previamente; 5. Não demonstres inquietação quando a criança cai, ou não quer comer, etc. Faze o que for necessário, sem te agitares nem te alarmares; 6. Não demonstres amor pela criança acariciando-a constantemente. Faze-o, ocupando-te de seus interesses; 7. Não leves uma criança a passeio; vai passear com ela; 8. Não faças sermões morais à criança pequena; 9. Não faltes às tuas promessas, nem prometas o que não podes fazer; 10. Não mintas para uma criança.

No segundo capítulo de seu *Aspectos da psicologia infantil* concentra-se Medeiros na comparação entre primitivos civilizados, consagrando a tese da recapitulação da espécie pelo desenvolvimento individual e desenvolvendo considerações sobre as relações entre a criança e o primitivo. O capítulo, contudo, estende-se mais sobre o problema da imaginação e destaca a relevância da imaginação criadora. Sobre a importância do mundo imaginário para a criança, Medeiros dá-lhe a devida consideração ao afirmar que ele atende a três grandes aspectos da evolução mental em sua fase infantil: 1. Atende ao seu pensamento mágico, segundo o qual o mundo que a cerca é dotado de vida e animado com o próprio homem; 2. Multiplica os efeitos de sua experiência sensível, repetindo, pelas imagens criadas, dados das percepções que ela acumulou; 3. Serve à sua necessidade de ação, recompondo com formas novas as imagens que a sua experiência sensorial fornece.[36]

O terceiro capítulo desenvolve o tema da evolução psicológica da infância e analisa os desajustamentos infantis. O texto é um comentário à margem do curso sobre Psicopatologia da infância que organizou o Instituto de Psiquiatria com o objetivo de: 1. Preencher a função dos cursos de extensão universitária incentivados pela própria universidade; 2. Desenvolver tema capaz de interessar a um grande público. O curso, assim organizado, não foi lecionado por Medeiros. Entregou-o ao ilustre Dr. Bueno de Andrade, psiquiatra já aposentado. Medeiros resume o curso dado mostrando que o que se procurou fazer foi fixar os pontos fundamentais da psicologia normal da criança, de modo a facilitar a compreensão dos problemas de significado psicopatológico. Entre as questões mais significativas desenvolvidas figuram a das diferenças entre o fenômeno fisiológico e o psíquico; a do sentido eminentemente sinergético com que opera o organismo; a da constância ou variação do QI; a da hereditariedade de inteligência, com discussões centradas nos trabalhos de Newmann, Freeman e Holzinger; a das diferenças envolvendo o sexo, citando-se, a propósito, trabalho do Dr. Arlindo Vieira Ramos; a do desenvolvimento dal linguagem, com especial destaque concedido aos seus distúrbios, de resto, estudados em função de quatro grupos: a mu-

[36] Id. ibid. p. 49.

dez congênita, as disartrias, a anartria e a afasia; a dos desajustamentos, em que Medeiros se apóia em B. J. Snyder e W. V. Snyder.

O quarto capítulo estende-se sobre o exame psicológico na clínica geral. Na verdade o que se propõe é um roteiro, com a fixação dos principais aspectos psicológicos a serem registrados no paciente. Entre os aspectos considerados relevantes inclui Maurício de Medeiros: 1. A observação do estado do paciente – se excitado, deprimido ou apático – especialmente detectado através de sua expressão fisionômica; 2. Se há distúrbios de linguagem; 3. Se há lógica em sua exposição; 4. Se há variação na expressividade; 5. Se é fluente. Sobre as grandes funções psíquicas cabem sejam observadas as associativas, as intelectuais, as afetivas e as volitivas. Também as funções da memória devem ser consideradas. Há, a esse respeito, referências a Ebbinghaus e a Freud, bem como ao método das associações de Jung.

No capítulo seguinte, Maurício de Medeiros discorre sobre a medicina psicossomática. Expõe rapidamente a história da medicina destacando, em primeiro lugar, a época de Wirchow, quando a lesão era o fenômeno principal. Refere-se, em seguida, a Pasteur, definindo-o como o iniciador da época microbiana. Fixa-se, em seguida, na preocupação com os biotipos. No que toca, especificamente, à medicina psicossomática, parte da definição de Osler em que ela é apresentada "como a parte da medicina que se ocupa dos mecanismos emocionais e físicos, apresentados nos processos mórbidos do indivíduo, com aceitação particular da influência que estes dois fatores exercem reciprocamente um sobre o outro e sobre o indivíduo considerado como um todo".[37] Segundo Maurício de Medeiros, o que essencialmente a medicina psicossomática nos ensina é a introdução de um novo elemento na seqüência histórica da medicina, de modo a anunciá-la da seguinte forma: do distúrbio psíquico nasce a disfunção, desta a doença celular e desta a alteração estrutural. Vale que se assinale que a grande fonte de Maurício de Medeiros é o clássico tratado de *Medicina psicossomática* de Weiss. É neste texto, ainda, que aparecem referências a *Psychosomatic medicine* e ao Dr. Arnaldo Rascowsky.

A tese com que se inscreve no concurso de docente da Escola Normal tem como tema, conforme já adiantamos, os *supranormais.* Na explicação que a precede, afirma Maurício de Medeiros que era docente efetivo de Psicologia na Escola Normal, mas foi posto em disponibilidade pela lei que suprimiu os cargos de docentes na citada Escola. Tão logo se anunciou, contudo a realização de concurso, sentiu-se obrigado a fazê-lo. Não o fez, todavia, mas inscreveu-se e redigiu sua tese em que trata de normais e anormais. O trabalho divide-se em três capítulos: 1. Normais e anormais; 2. Supranormais: suas características; 3. Supranormais: estudo prático. Cobre 62 páginas e das quais, efetivamente, 49 do texto. São citados Compayré, Baldwin, T. Tarde e Bomfim, este chamado por Maurício de Medeiros "nosso mestre".

[37] Id. ibid., p. 145.

O texto de *Casamento e psiquiatria,* publicado em *Anhembi, 22* (65), abril, desenvolveu-se no campo da medicina legal – elo entre a medicina e o direito. Trata do casamento, idade, exames pré-nupciais, etc. Há expressa referência à lei da herança mórbida na Alemanha (14.7.33), em função da qual se considera, para fins de esterilização, as seguintes entidades mórbidas: oligofrenia congênita, esquizofrenia, psicose maníaco-depressiva, epilepsia, coréia, cegueira hereditária, surdez hereditária, graves deformações, alcoolismo. Maurício de Medeiros chama a essa lei de sábia.

Pessoalmente conhecemos Medeiros. Tivemo-lo como examinador em uma de nossas docências, em 1960, seis anos antes de seu falecimento. Já a essa altura faltava-lhe a vivacidade. De qualquer modo, sua trajetória no ensino da psicologia foi bastante significativa.

5. A contribuição de Plínio Olinto (1886-1956)

Seguramente foi Plínio Olinto o primeiro historiador da psicologia no Brasil. De fato, cabe-lhe o mérito de ter escrito, em maio de 1944, na *Imprensa Médica, 20* (365), o trabalho intitulado A psicologia experimental no Brasil. No seu texto, de resto, de poucas páginas, destaca como contribuição pioneira a de Henrique Roxo que, em 1900, sob a orientação de Teixeira Brandão, defendeu tese de doutorado em medicina com o trabalho intitulado *Os atos psíquicos elementares nos alienados.* O trabalho constou de um estudo sobre as sensações em doentes assistidos na clínica neuropsiquiátrica, usando o psicômetro de Buccola e outros aparelhos arranjados na ocasião. Entre outras informações, já registradas neste estudo, recorda Plínio Olinto que o laboratório, instalado por Manoel Bomfim em 1906, contou com muitos aparelhos destinados à pesquisa experimental, selecionados por indicação de Alfred Binet e adquiridos pela Prefeitura do Distrito Federal, graças a Medeiros e Albuquerque. Como assinala Plínio Olinto, contava no começo do século a cidade do Rio de Janeiro com dois laboratórios: o do Pedagogium e o do Hospital nacional de psicopatas, este, como registramos páginas atrás, adquirido sob a inspiração de Dumas e efetivamente encomendado por Juliano Moreira. Foi neste laboratório que Plínio Olinto trabalhou durante dois anos e publicou dois trabalhos que resultaram de suas pesquisas. Em 1916, depois de ter lecionado um curso de psicologia experimental no Pedagogium, ingressa por concurso na Escola Normal, onde trabalha ao lado de Manoel Bomfim, dando cursos de psicologia. Tais cursos duraram até 1930. Tanto o laboratório do Hospital como o do Pedagogium tiveram Plínio Olinto como assistente voluntário, na medida em que visava aperfeiçoar-se no manejo dos métodos da psicologia experimental. No Pedagogium, inclusive, realizou um ensaio sobre a fadiga intelectual nos escolares, publicado em 1913, na *Revista de Pedagogia, Educação e Pediatria, 1* (3), citado, inclusive, em *Psicologia da infância* de Claparède. Em 1921, quando da estada no Rio de Janeiro do grande Henri Pieron, funcionou como seu assistente voluntário em um curso dado pelo eminente mestre francês no auditório da Policlínica do Rio de Janeiro. Em 1923, Gustavo Riedel adquiriu na Europa outro laboratório completo de psicologia experimental,

que mais tarde foi instalado na Colônia de psicopatas no Engenho de Dentro e entregue à direção de Waclaw Radecki, conforme se registra em publicação anterior. Plínio Olinto, contudo, não se integra à equipe que colaborou com o psicólogo polonês, segundo declarou em seu texto, por não concordar com a doutrina do discriminacionismo afetivo. Não obstante, realizou na Colônia várias pesquisas e uma delas acha-se publicada nos *Anais da Colônia.* O trabalho citado contou com a colaboração de Brasilia Leme Lopes, que posteriormente se dedicou à hematologia e ingressou na Academia Nacional de Medicina como membro honorário. Brasilia Leme Lopes inclusive foi quem construiu o aparelho denominado "proxismetro", com o qual se realizaram pesquisas de atenção. Assinala Plínio Olinto que, com a retirada de Waclaw Radecki, o laboratório da Colônia se transfere para nova sede situada no edifício Nilomex, tendo Nilton Campos como seu chefe. Relata Plínio Olinto que um outro laboratório foi montado na Divisão Médica da Aeronáutica do Exército, onde se destacaram as pesquisas de A. Bretas. Também Porto Carrero realizou, no Hospital da Marinha, várias pesquisas sobre aviadores. Quando, em 1932, fundou-se o Instituto de Educação, Plínio Olinto forneceu lista de aparelhos com que desejava trabalhar em seus cursos de psicologia. Conta Plínio Olinto que Fernando de Azevedo cortou essa lista pela metade e com essa meia lista constituiu-se um gabinete de psicologia experimental que prestou relevantes serviços.

A Liga Brasileira de Higiene Mental teve também o seu laboratório, que o casal Fessard organizou e fez funcionar durante sua permanência no Brasil. Olinto ainda se refere ao Seminário Brasileiro de Psicologia que, durante mais de oito anos, reunia, sem quaisquer condições formais, sem laboratório, etc., um grupo de psicólogos que desejava estudar. Em 1935, esse grupo deu origem ao Centro de Pesquisas Educacionais da municipalidade, que era dotado de boa aparelhagem. No ano de 1936, na Universidade do Distrito Federal e, precisamente, na Escola de Economia e Direito Etienne Souriau, tendo como assistente Plínio Olinto, ministrou um curso de Psicologia do Trabalho, com demonstrações práticas. O programa do mencionado curso acha-se publicado no volume editado em 1935 pela Universidade do Distrito Federal, contendo inclusive informações sobre admissão dos candidatos. Segundo se lê, o curso de Psicologia do Trabalho estava dividido em quatro grandes tópicos, em que o tema *trabalho* aparecia mencionado de uma forma muito pouco explícita. Segundo consta do volume editado pela universidade, Souriau ainda teve como assistente Nelson Romero. Este nós chegamos a conhecê-lo na condição de professor de latim e, nas poucas conversas que com ele tivemos, percebemos certa hostilidade para com a psicologia de laboratório, como freqüentemente se designava a psicologia experimental, da qual não esperava nada de relevante. Dele também ouvimos expressões de desaprovação ao trabalho de Radecki, a quem se referia como tendo sido um ex-bedel de Claparède.

Plínio Olinto ainda se refere ao laboratório de fisiologia dos irmãos Osório de Almeida onde, segundo afirma, foram realizadas, também, muitas pesquisas no domínio da psicologia.

À medida que seu estudo sobre a história da psicologia experimental cobria todo o Brasil, registramos algumas informações sobre o que se passou em São Paulo, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul. Segundo Olinto, em São Paulo, o movimento da psicologia esboçou-se em 1914, com os trabalhos de Pizzoli. Quando se retirou o citado professor italiano, vários discípulos deram continuidade à sua obra, podendo-se citar Cyridião Buarque, Clemente Guaglio e Sampaio Dória que produziram trabalhos até 1923. Daí em diante a figura dominante é a de Lourenço Filho. Assim é que, já em 1922, ele publicava na *Revista de Educação,* de Piracicaba, *1* (2), um estudo sobre atenção escolar, feito na Escola Normal dessa cidade. Tais estudos tiveram prosseguimento em 1922-23 na Escola Normal de Fortaleza e, finalmente, na Escola Normal de São Paulo, em 1925, quando Lourenço Filho assumiu a cadeira de psicologia e, com ela, a direção de um laboratório. Tendo como assistente, desde 1927, a professora Noemy da Silveira, iniciou a revisão da escala Barreto Lima e os primeiros estudos sobre o teste ABC. Tais estudos, também feitos sob sua orientação no Liceu Rio Branco, foram continuados pelos seus discípulos. Finalmente, já na direção da escola de professores do Instituto de Educação do Distrito Federal e já coordenador da cadeira de psicologia, continuou Lourenço seus estudos com a ajuda de Heloisa Marinho.

Plínio Olinto doutorou-se em Medicina em 1910, com tese sobre psicologia, intitulada *Contribuição ao estudo da associação das idéias.* A tese contém nota explicativa em que exalta o incentivo recebido de Juliano Moreira. O texto começa com uma das classificações das associações de idéias, proposta por Kraepelin (1892) e Aschaffenburg (1896). Estende-se, em seguida, sobre os métodos de estudo. Os nossos ensaios – constitui o capítulo seguinte, incluindo uma série de observações. Finalmente, como se exigia na época, uma série de proposições, destacando a importância da tese em várias disciplinas do curso médico.

Em 1918, publica Plínio Olinto *Notas de pedagogia e de psicologia normal e patológica.* Conforme o autor: *"Notas de psicologia* nada mais é do que um conjunto de estudos, muitos dos quais já publicados, feitos em diferentes épocas, e que resolvemos agora reunir em volume. Eles não obedecem a um método, nem são uniformes no estilo. Representam algumas idéias conhecidas, sobre as ligações entre o ensino e a mentalidade. É por isso que aqui se lêem coisas que interessam a professores e médicos, ou melhor, a candidatos a professor e a médico, o que é natural, porque, hoje em dia, nas escolas, cada vez é maior a dependência mútua que entre um e outro se estabelece, principalmente quando a curiosidade de ambos se abeira do domínio da psicologia."[38]

[38] Olinto, Plínio. *Notas de pedagogia e psicologia normal e patológica.* Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1918. p. 5.

Plínio Olinto foi bastante fértil em publicações. A ele devemos uma *Introdução à psiquiatria.*[39] No final do livro aparece uma relação de trabalhos produzidos entre 1911 (sua tese de doutorado) e 1930, num total de 33. Em 1936, aparece a 2ª ed. de *Notas de pedagogia* (...).[40] Trata-se de um trabalho de 325 páginas, dividido em 36 capítulos. Em 1939 publica *Higiene Mental,*[41] livro dividido em 14 capítulos com o total de 151 páginas. Além desses livros produziu boa quantidade de trabalhos como: 1. Educação psíquica;[42] 2. O diagnóstico diferencial entre alguns casos de demência precoce com loucura depressiva;[43] 3. A higiene mental e suas relações com o urbanismo;[44] 4. Notas de Semiologia mental;[45] 5. Relatório sobre a assistência a alienados do Rio da Prata;[46] 6. Recensão de Notas de pedagogia e de psicologia (...), feita por O. Loudet;[47] 7. A constante de Ambard na demência precoce;[48] 8. Higiene mental na ginecologia;[49] 9. Psicologia e orientação profissional;[50] 10. O homem e a mulher, estudo psicológico.[51]

Muitas outras publicações deixam aqui de ser citadas. De qualquer modo e para concluir, vale que se registre que Plínio Olinto foi chefe da Cadeira de Psicologia, em

[39] Olinto, Plínio. *Introdução à psiquiatria.* Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1930.

[40] ——. *Notas de pedagogia e psicologia normal e patológica.* 2 ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1936.

[41] ——. *Higiene mental.* Rio de Janeiro, Guanabara, 1939.

[42] ——. Educação psíquica. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental,* Rio de Janeiro, *12* (1/2), jan./jun. 1939.

[43] ——. O diagnóstico diferencial entre alguns casos de demência precoce com loucura depressiva. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal,* Rio de Janeiro, *7* (1/2), 1911.

[44] ——. A higiene mental e suas relações com o urbanismo. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental,* Rio de Janeiro, *8*(1), 1941.

[45] ——. Notas de semiologia mental. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal,* Rio de Janeiro, *11*(3), 1915.

[46] ——. Relatório sobre a assistência a alienados do Rio da Prata. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal,* Rio de Janeiro, v. 9, 1913.

[47] Loudet, O. Recensão de *Notas de pedagogia e de psicologia normal e patológica.* In: *Psiquiatria e Criminologia,* Buenos Aires, *1*(1/2), 1936.

[48] Olinto, Plínio. *A constante de Ambard na demência precoce.* Tese de docência. Rio de Janeiro, Jornal do Commercio, 1914.

[49] ——. Higiene mental na ginecologia. *Anais Brasileiros de Psicologia,* Rio de Janeiro, *11*(3), mar. 1941.

[50] ——. *Psicologia e orientação profissional.* 1930.

[51] ——. *O homem e a mulher,* estudo psicológico. Conferência promovida pela Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, Rio de Janeiro, Jornal do Commercio, 1922.

substituição a Lourenço Filho, no Instituto de Educação, e foi docente da Faculdade de Medicina.

6. A contribuição de Lourenço Filho (1897-1970)

Sem dúvida foi Lourenço Filho o mais importante psicólogo brasileiro da primeira metade e parte da segunda metade do século atual. Nele se aliaram a extrema cultura na área da educação e da psicologia. Nesta, incursionando, de maneira brilhante, no domínio da psicologia social, com o seu estudo intitulado *Joazeiro do Padre Cícero,*[52] além de se revelar, sempre, um administrador dotado de excepcionais qualidades. Foi, também, um excelente historiador da psicologia no Brasil, publicando, a esse respeito, dois textos realmente muito informativos. O primeiro, intitulado A psicologia no Brasil, foi publicado em Ciências Sociais no Brasil, coletânea organizada por Fernando de Azevedo e editada pela Melhoramentos. O segundo cobre o desenvolvimento da psicologia no Brasil nos últimos 25 anos.[53] Claro que os 25 anos se contam a partir da data de sua publicação (1966). Também na área da história, mas envolvendo a psicologia em toda a América e obviamente interessando o Brasil, publicou O pensamento de Ribot na psicologia sul-americana, resultante de comunicação feita na Sorbonne em 22.6.1939, por ocasião da sessão comemorativa dedicada a Ribot. Todos os três trabalhos foram reimpressos pelos *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada,* da Fundação Getulio Vargas (v. 25, 1971), como homenagem póstuma prestada ao grande mestre. Nesse volume reproduzem-se mais oito trabalhos de Lourenço Filho, escolhidos dentre os numerosos que produziu em sua fertilíssima atividade de docente e pesquisador. Tais trabalhos foram: 1. Contribuição ao estudo experimental do hábito; 2. O pensamento de Ribot na psicologia sul-americana; 3. Orientação e seleção profissional; 4. Maturação e aprendizagem da leitura e da escrita; 5. Orientação em um país latino-americano em rápida industrialização: Brasil; 6. Brasil: exames tradicionais e ensaios de reforma; 7. Problemas de orientação profissional; 8. Objetivos do ensino. No mesmo volume reimprime-se o estudo de Iva Waisberg Bonow, catedrática do Instituto de Educação, sob o título Atualidade de Lourenço Filho, trabalho que foi escrito para integrar o livro *Um educador brasileiro,* editado pela Melhoramentos, em 1958, em homenagem ao ilustre mestre. O trabalho de Iva Waisberg Bonow apoiou-se não só em sua experiência de ex-aluna de Lourenço Filho, como no magnífico verbete intitulado A Psicologia, escrito pelo mestre para a Enciclopédia Delta-Larousse, na época, ainda inédito e com o total de 104 páginas.

Lourenço Filho teve inicialmente formação de professor primário e exerceu esse tipo de atividade em Porto Ferreira, cidade do interior de São Paulo, onde nasceu. Sua formação, contudo, se fez na cidade de Pirassununga, igualmente no Estado de São

[52] Lourenço Filho. *Joazeiro do Padre Cícero.* São Paulo, Melhoramentos, 1926.

[53] ——. A psicologia no Brasil nos últimos 25 anos. *Informativo,* Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1969.

Paulo, em 1916. Nesse mesmo ano ingressa na Escola Normal secundária de São Paulo, cursando dois anos de estudos complementares. Exerce, por essa época, o jornalismo, no diário *O Comércio de São Paulo.* Em 1917, matricula-se na Faculdade de Medicina, visando a formação psiquiátrica. Abandona, todavia, os estudos, graduando-se finalmente em direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1929. Acontecimento importante em sua vida foi a experiência como professor da Escola Americana, dado que teve, então, a oportunidade de acesso a uma extensa biblioteca integrada de livros de psicologia e psicologia educacional de procedência americana. Foi professor substituto de psicologia e pedagogia da Escola Normal primária de São Paulo. Igualmente foi professor das mesmas disciplinas na Escola Normal de Piracicaba. Em 1922, por solicitação do governo do Ceará, é comissionado para reorganizar o ensino público nesse estado, onde permance até 1924. Nesse ano reassume sua cadeira na Escola Normal de Piracicaba. Em 1925, torna-se professor de psicologia e pedagogia da Escola Normal de São Paulo. Em 1926, organiza a Biblioteca de Educação, primeira grande coleção de textos de divulgação pedagógica no país. A responsabilidade de editar essa Biblioteca foi da Editora Melhoramentos. Em 1930, é nomeado Diretor-geral do ensino do estado de São Paulo. Em 1932, colabora, no Rio de Janeiro, com Fernando de Azevedo e com Anísio Teixeira, organizando o Instituto de Educação e sendo seu primeiro diretor. Em 1934, converte-se em Prof. de Psicologia Educacional da Universidade de São Paulo. Em 1938, organiza e dirige o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, o Inep. Em 1939, torna-se catedrático de Psicologia Educacional da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1946, deixa a direção do Inep para assumir a cátedra da Faculdade Nacional de Filosofia. Em 1947, torna-se diretor-geral do Departamento Nacional de Educação e planeja e dirige a Campanha nacional de educação de adultos. Em 1949, juntamente com Mira y Lopez, funda a Associação Brasileira de Psicologia e é eleito seu presidente. Seu último trabalho foi o de presidir a comissão que organizou o programa de pós-graduação em psicologia no ISOP, da Fundação Getulio Vargas. Precisamente a morte o atingiu antes do término das atividades dessa comissão. Vale assinalar que todos esses dados foram minuciosamente organizados por Monique Augras e constam do volume dos *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada,* publicado em sua homenagem.

Vale que se sublinhe que sua passagem pela Escola Americana permitiu-lhe uma intensa absorção dos grandes educadores e psicólogos norte-americanos como, por exemplo, Dewey. Essa convivência com esses autores constituiu a base que lhe permitiu escrever o notável livro sobre *A Escola Nova,* obra imediatamente traduzida para o espanhol pela Editorial Labor e com imensa repercussão na América Latina e, mesmo, na Europa. A segunda edição, por exemplo, foi prefaciada pelo grande Paul Fauconnet, professor de pedagogia da Sorbonne que, inclusive, adianta dois dados extremamente significativos sobre a figura do grande mestre brasileiro. Assim é que concede grande destaque à influência que recebeu de seu professor A. de Sampaio Dória, a quem Lourenço, de resto, dedica o livro; em segundo lugar, dá grande relevo

à criação por ambos – Lourenço e Sampaio Dória – da Escola Rio Branco, espécie de escola experimental, onde Lourenço realizou excelente trabalho de pesquisa. No prefácio, Fauconnet apenas lamenta que Lourenço Filho não tenha concedido bastante relevo às duas características básicas da chamada Escola Nova: 1. À sua condição de movimento de oposição ao intelectualismo dominante nas escolas tradicionais, ou seja, sua condição de movimento antiintelectualista; 2. O dogma essencial da Escola Nova, centrado no respeito à liberdade da criança.

O livro cobre, na edição da Editorial Labor, 232 páginas e está dividido em cinco capítulos: 1. Que se deve entender por Escola Nova?; 2. Os sistemas de educação renovada (sistemas empíricos de experimentação e ensaios); 3. Os sistemas de educação renovada (os sistemas de aplicação científica); 4. Os sistemas de educação renovada; 5. Questões gerais de aplicação. Uma extensa bibliografia é citada, dela participando grandes nomes da filosofia, da psicologia e da educação.

No domínio estrito da psicologia educacional, legou-nos dois textos mimeografados, resultantes dos apontamentos tomados por seus alunos. A edição, não oficial, é óbvio, foi do Diretório Acadêmico da Faculdade Nacional de Filosofia. O primeiro deles é o curso de psicologia educacional. O segundo versa sobre a adolescência. Ambos revelam-se excelentes, lamentando-se que o mestre não os tenha reestruturado visando a uma publicação oficial. Deles, inclusive, nos valemos quando aluno do chamado curso de didática, da Faculdade Nacional de Filosofia.

Muito voltado para as aplicações da psicologia, produziu o famoso teste ABC, para determinar o nível de maturidade motora necessário para o aprendizado da escrita e da leitura. O teste, fundado no conceito de maturação, foi aplicado intensamente em todo ensino primário, no país e em vários países latino-americanos.

Entre seus trabalhos, reimpressos no volume já citado dos *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada* destacamos, para efeito de breve comentário, dois: 1. O estado atual da psicologia da motivação; 2. Contribuição ao estudo experimental do hábito. O primeiro, editado pelo Senai, atinge 31 páginas e está dividido em vários tópicos: 1. Motivação moral; 2. A motivação na filosofia antiga; 3. Doutrinas associacionistas; 4. A teoria do instinto; 5. A psicanálise; 6. A contribuição de *gestalt;* 7. A situação em 1936; 8. A situação depois de 1946; 9. A doutrina da autonomia funcional; 10. Motivação, constructo de interpretação geral. Na bibliografia aparecem referências aos trabalhos de Woodworth *(Dynamic psychology.* 1918); Freud (*Beyound the pleasure principle.* London, International psychoanalytic Press), Lewin *(Principles of gestalt psychology,* 1936); Allport *(Personality;* a psychological interpretation); C. F. Young *(Motivation of behavior.* 1936) e ainda P.T. Young, em sua contribuição para a *Enciclopédia de Psicologia* editada por Lawrence Harriman. *Considerando que o* texto foi redigido para ser lido como conferência, indiscutivelmente nele se pode louvar a amplitude de informações e sua irrepreensível organização.

O segundo trabalho acima mencionado – Contribuição ao estudo experimental do hábito – foi produzido em função de pesquisa realizada no laboratório de psicologia experimental da Escola Normal de São Paulo e foi apresentado em 2.6.1927 na Sociedade de Biologia e Higiene de São Paulo. Está dividido em vários tópicos: 1. Noção e valor do hábito; 2. Importância do estudo do hábito; 3. Resumo histórico do estudo experimental do hábito; 4. Pesquisas originais; 5. Pesquisas sistemáticas e seus resultados; 6. Conclusões. Estas são apresentadas em cinco itens. A bibliografia citada aponta para 15 obras.

Entre os trabalhos não reproduzidos no volume citado dos *Arquivos* destaca-se o estudo sobre Relações Humanas no trabalho. A referência que lhe fazemos objetiva mostrar a amplitude dos interesses revelados pelo grande mestre. Esse estudo resultou de um conjunto de resumos preparados para um curso sobre o tema. Como sempre, percebe-se sua impecável organização. Na verdade, o texto está dividido em três grandes seções: 1. As relações humanas e seus processos; 2. As relações humanas e a personalidade; 3. As relações humanas no trabalho. Na primeira das seções, além de uma introdução geral, analisam-se nove temas; na segunda, três, na terceira, seis temas.

Entre os livros que publicou, além, obviamente, de *A Escola Nova,* vale sejam mencionados: 1. *A Educação comparada;*[54] 2. *Joazeiro do Padre Cícero;*[55] 3. *Organização e administração escolar,* no curso básico;[56] 4. *A pedagogia de Rui Barbosa;*[57] 5. *O teste ABC para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita.*[58]

Embora todos os livros de Lourenço Filho revelem-se de altíssima qualidade, indiscutivelmente, ao nosso modo de ver, sua obra mais notável foi o *Joazeiro do Padre Cícero.* Obra de juventude, Lourenço efetivamente a publicou em 1926, quando tinha 29 anos. Obviamente a escreveu antes, tendo sido suas notas colhidas durante sua estada no Ceará. Trata-se de magnífica análise do fenômeno do misticismo mórbido, freqüente em populações de extrema carência. No prefácio da primeira edição lê-se: "Joazeiro do Padre Cícero, a Meca dos sertões cearenses – arraial e feira, centro e oficina, centro de orações e hospício enorme."[59] O autor declara que sua obra é uma

[54] Lourenço Filho. *Educação comparada.* São Paulo, Melhoramentos, 1961.

[55] ——. *Joazeiro do Padre Cícero.* op. cit.

[56] ——. *Organização e administração escolar,* curso básico. São Paulo, Melhoramentos, 1967.

[57] ——. *A pedagogia de Rui Barbosa.* São Paulo, Melhoramentos, 1956.

[58] ——. *O teste ABC para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita.* São Paulo, Melhoramentos, 1933.

[59] ——. *Joazeiro do Padre Cícero.* op. cit. p. 7.

contribuição "para a renovação social desse núcleo de população sertaneja que, malgrado tudo, ainda poderá vir a ser, um dia, próspero, livre e feliz". Sua contribuição "não defende senão o sentimento da gente culta do Ceará que, envergonhada desse quisto sempre perigoso, já há vários anos iniciou, com relativo êxito, a sua reconquista à civilização ambiente".[60] Lourenço Filho declara-se inspirado em Euclides da Cunha, em quem identifica um criminologista e um patologista social. Euclides – escreve Lourenço Filho – reclamava a presença de um Maudsley, mas ele teria sido o próprio. Insiste em considerar de extrema relevância a presença de um higienista social e a de um terapeuta social.

Joazeiro situa-se na região do Cariri, na condição de um simples arraial. A grande cidade mais próxima é a do Crato, na época em que Lourenço Filho lá esteve, com cerca de 30 mil habitantes. Lourenço Filho explora bastante os depoimentos de Alencar Peixoto e do Deputado Floro Bartolomeu, este exaltando o Padre Cícero como um verdadeiro santo. Segundo relata Lourenço Filho, o Padre Cícero teria sido, como estudante de seminário, marcado pela mitomania. Teria havido, inclusive, muita oposição à sua ordenação. De qualquer modo, recebeu-a em 1870. Assinala Lourenço Filho que o fanatismo em torno do Padre Cícero desencadeia-se após o ano de 1890, quando se teriam operado milagres que favoreceram a beata Maria de Araujo.

No estudo da personalidade do Padre Cícero revela-se Lourenço Filho extremamente informado acerca das idéias de Tanzi sobre a paranóia. Também Lombroso constitui fonte para o desenvolvimento dos estudos de Lourenço. Lourenço menciona o médico baiano Floro Bartolomeu da Costa como um *alter ego* do Padre Cícero. Assinale-se que o Dr. Floro Bartolomeu apareceu em Joazeiro em 1908.

A propósito do milagre que teria acontecido com a beata Maria de Araujo, escreveu Lourenço: "Na manhã do dia 11 de junho de 1890, numa humilde capelinha de Nossa Senhora das Dores, padroeira do lugar, a beata Maria de Araujo, depois de receber das mãos do Padre Cícero Romão Batista – esse era o seu nome – a hóstia consagrada, cai por terra em violenta crise nervosa. Os fiéis presentes, que a socorreram, notaram que um fio de sangue lhe escorria da boca entreaberta; e examinando melhor, informaram, depois, que as mesmas espécies eucarísticas se haviam transformado em sangue rubro e palpitante."[61] Era o milagre. O bispo do Ceará, na época, o saudosíssimo Dr. Joaquim Vieira, cometeu uma comissão de sacerdotes e médicos a incumbência de verificar o milagre. E o resultado foi favorável ao milagre. Um dos médicos chegou a jurar pelo seu grau que "o sangue era de Cristo!"[62]

[60] Id. ibid. p. 8.

[61] Id. ibid. p. 89.

[62] Id. ibid. p. 92.

O bispo, segundo Lourenço Filho, não aceitou o depoimento e entendeu que as três condições estabelecidas por Santo Tomás de Aquino não foram obedecidas: "(1) o estudo da pessoa que opera o milagre; (2) a intenção com que ela opera o milagre; (3) a maneira pela qual opera o milagre."[63] Segundo o padre Alencar, a beata que teria sido objeto do milagre era uma doente. A descrição que dela fez é extremamente negativa. Lourenço, revelando bom conhecimento de Freud, dedica o cap. 8 à "Fala do Boi Santo". A história chega a ser extremamente cômica como expressão da candura dos fanáticos da região de Joazeiro. Constituiu, inclusive, episódio típico de idolatria. Vale notar que a obra de Lourenço Filho sobre o Joazeiro do Padre Cícero foi premiada pela Academia Brasileira de Letras. Foi dedicada a Rodolfo Teófilo – historiador da "sedição de Joazeiro". Este afirmou em 1913: "Não sei qual foi mais terrível: se a seca de 1877 ou a 'sedição de Joazeiro'."

O livro de Lourenço Filho constitui um clássico no campo da psicologia social patológica e merecia contínuas reedições. Possivelmente foi esse livro que lhe valeu a eleição para a Academia Paulista de Letras.

Finalmente, vale o registro que lhe coube presidir a comissão que implantou o ensino da psicologia, como curso autônomo, destinado à formação de psicólogos com áreas específicas de atuação, em 1962. Pessoalmente tivemos excelente relacionamento, cabendo assinalar o magnífico prefácio com que enriqueceu nosso livro *Comunicação e linguagem,* em 1970, bem como desvanecedor convite para aceitarmos sua indicação para fundar e dirigir uma Faculdade de Filosofia no Paraguai, nela exercendo, ainda, a função de titular de Psicologia Educacional. Por força de nossos compromissos na Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, declinamos o convite do grande mestre. Mas cabe registrar aqui nosso maior agradecimento.

[63] Id. ibid. p. 92.